

A moral do nobre e a moral do escravo como formas arquetípicas de interpretação em Nietzsche

Juan Maricato Salabert ¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar como o tipo nobre e o tipo escravo são expostos dentro do livro *Genealogia da Moral*. Segundo o filósofo, ambos são criadores de valores, no entanto, o primeiro valoriza dizendo Sim à vida, já o segundo cria seus valores de forma reativa. Isso quer dizer que há sempre a necessidade de Outro. Sendo assim, neste último caso, não são valores de primeira grandeza, pois ao invés de expressarem força, vida e vontade, são apenas um reflexo distorcido da fraqueza, pobreza e cansaço, traços típicos da moral escrava.

Palavras-chave: moral, valores, nobre, escravo.

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ.

Abstract

The purpose of this paper is to show how the noble type and the slave type are exposed inside the book *The Genealogy of Morals*. According to the philosopher, both are creators of values, however, the first one values saying Yes to life, and the second one creates its value in a reactive form. It means that there is always the need of the Other. Thus, in the latter case they are not values of the first magnitude, because instead of expressing strength, life and will, they are only a distorted reflection of weakness, poverty and tiredness, typical traits of the morality of slavery.

Keywords: moral, value, noble, slave.

Iniciemos fazendo uma breve consideração às tipologias expostas no texto para classificar o nobre e o escravo. É comum, ao estudarmos Nietzsche, surpreendermos-nos com alguns personagens e tipos um tanto quanto curiosos. Longe de percorrer tais veredas, porém não furtando a nossa curiosidade o prazer de vislumbrar determinadas nuances, podemos dizer que ambos carregam em si uma gama de referências, interpretações e classificações temperadas ao gosto do filósofo que, com frequência, costuma exagerar na mão. Mas isso não significa um “vencer pelo grito”. Parece que Nietzsche dá uma, duas ao até três mãos de tinta — ou melhor — de sangue, para nos alertar o quanto imediata são suas sinalizações, ainda que o mesmo saiba e reitere que alguns homens já nascem póstumos.

Adiantemos que a assimetria entre os tipos em questão é algo que se mostra de forma tão evidente que podemos dizer que uma moral é diametralmente oposta à outra. Ambos são forças, ou seja, impulsão, movimentação, energia. No entanto, o que irá diferenciá-las é a capacidade de intensificação — que também pode ser chamada de afirmação — presente ou ausente em cada tipo. Ao falarmos em tipo e força também falamos em interpretação, e isso fica claro quando, segundo Nietzsche, a força intensificadora — o senhor — possui um modo bem peculiar de interpretar: sua interpretação é produção a partir de Si. Já a outra força — o escravo — tem seu crescimento entravado justamente por trocar seu ponto de referência. Se temos no nobre uma interpretação que leva em consideração e como única instância ele próprio, não podemos vislumbrar a mesma postura no escravo, pois este admite de antemão a prevalência do Outro para, a partir de então, responder aos seus anseios e, consequente-

mente interpretar. É importante notar, todavia, que o “escravo”, enquanto tipo característico, vela para si mesmo essa situação fundamental. Para ele, trata-se de afirmar um “em si”: o “bem ou bom em si”, com o qual ele se identificaria. Ao contrário, a força centrípeta que impele o nobre é concernente, segundo o filósofo, aos homens da nobreza cavalheiresco-aristocrática, cujos juízos de valor:

[...] têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo que envolve uma atividade robusta, livre, contente.²

Todas essas características expostas para referir-se às peculiaridades dos senhores soam aos nossos ouvidos como uma ode narcisista que tem por finalidade um demasiado enaltecer-se. No centro desse teatro, pouco importa a reação do público, o único âmbito é o de si mesmo. O outro, para o senhor, mostra-se como algo desconhecido, por vezes até como uma caricatura composta por algum comediógrafo. O nobre não é a personificação do egocentrismo tal qual o conhecemos, ele está para além disso. Na verdade, o que se nota é um resplandecente orgulho de si mesmo, a altivez que é digna de uma admiração singular que engloba a única esfera conhecida pelo senhor: ele próprio.

Quando o modo de apreciação aristocrático se engana e peca contra a realidade, é uma esfera que não lhe é suficientemente conhecida, uma esfera que desdenha conhecer tal como ela é: ocorre-lhe, portanto, desconhecer a esfera que despreza, a do homem comum, a do baixo povo (...). Com efeito, há no desprezo demasiada superioridade e indiferença, demasiada alegria íntima e pessoal, a ponto de o objetivo do desprezo transformar-se em uma verdadeira caricatura, em monstro.³

O princípio de interpretação do senhor, que se mostra de uma forma totalmente independente, aparece de maneira oposta no escravo. Sua força é reativa, é passiva. Atua sempre como consequência, precisa necessariamente de um mundo externo, de outro que lhe dê um motivo para servir de subterfúgios às suas incapacidades. A passividade que permeia essa moral é um traço marcante e decisivo para entendermos que é apenas com a atividade – e isso inclui uma força oposta, a afirmativa – que a vida pode ser intensificada.

A moral do escravo necessita sempre e antes de tudo, para nascer, de um mundo oposto e exterior: são-lhes necessários, para nascer, para falar fisiologicamente, estimulantes externos para agir, sua ação é

2. NIETZSCHE, 2009, p. 25.

3. *Idem*, p. 26.

fundamentalmente reação.⁴

O senhor instaura, o escravo deforma. Essa é a conclusão a que Nietzsche chega após observar como ambos os tipos criam seus valores. No primeiro instante, o escravo nega a interpretação do senhor, haja vista que os valores criados pelos superiores são reflexos de si mesmos. Sendo assim, ao negar seus valores, o escravo também os está negando. Essa reação se dá como uma maneira de tentar refrear a ação, pois toda força reativa tem como finalidade limitar a ação. A preponderância das forças reativas sobre as ativas é digna da moral dos escravos que tenta a todo custo e com todas as forças evitar o sofrimento decorrente de uma ação. Essa noção vai ao encontro do que Nietzsche chama de Outro. É no âmbito externo e nas suas mais diversas possibilidades que essa força reativa tenta calçar-se para manter-se o mais afastada possível. Esse afastamento traduz-se em medo, covardia, pessimismo e ódio.

Para a força ativa que cria seus valores a partir de Si mesma, vemos que *“bom=nobre=poderoso=belo=feliz=caro aos deuses”*. Ao ver-se como bom, o nobre instaura sua interpretação de maneira equânime ao que ele próprio é. Nesse sentido, tudo que é bom denota superioridade. Ser bom é ter poder, é não ser um covarde. A partir da estrutura etimológica da palavra bom, Nietzsche descobre um significado bastante interessante:

Acredito poder interpretar o latim *bonus* como “o guerreiro”, desde que esteja certo ao derivar *bonus* de um mais antigo *duonus* (compare-se *belum=duelum=duen-lun*, no qual me parece conservado o *duonus*). *Bonus*, portanto, como homem da disputa, da dissensão (*duo*), como o guerreiro: percebe-se o que na Roma Antiga constituía a “bondade” de um homem.⁵

Dessa forma, o conceito de *nobre* e *aristocrático* possui uma conotação não apenas social, mas, sobretudo, moral. Pode-se notar a espontaneidade presente nesse modo de valoração, pois parte do princípio de que sua ação e crescimento independem do Outro. O externo só atua como medida quando o senhor, ao comparar-se com o escravo, percebe o quão longe do mesmo ele está. Ou seja, o orgulho está em vangloriar-se por interpretar a partir de Si, e isso se mostra evidente na distância existente entre ambos. Se para o nobre tudo que diz respeito a ele próprio é necessariamente “bom”, tudo aquilo que lhe for contrário será tido como “ruim”, “mau”, “baixo”, “vulgar”, “infeliz”, “medroso”, “covarde”, “mentiroso”, “desgraçado”, “miserável”. Todos esses conceitos são secundá-

4. *Idem*, p. 26.

5. *Idem*, p. 20.

rios, são um contraste nascido de conceitos positivos, ativos, afirmadores que exalam vida e paixão.

O outro modo de interpretação, o do escravo, no primeiro momento, nega tudo que lhe for diferente, e no segundo momento cria um mecanismo de inversão, ou seja, inverte aquilo que antes fora negado e que faz parte da valoração do Outro. Nietzsche utiliza o termo “homens do ressentimento” para se referir àqueles que partilham dessa interpretação. Ao falarmos desse modo de valoração, temos, necessariamente, que nos remeter ao momento de seu surgimento. Mas isso não quer dizer que tal interpretação possua um momento temporal bem delimitado. Nesse caso, o que está no cerne da questão não é quando surgiu, mas em que momento obteve força a ponto de se disseminar e até certo ponto suprimir aquela moral que atribui ao “bom” as qualidades aristocráticas e de expansão e não de mera conservação da vida – traço distintivo da valoração escrava.

“Mau”, na interpretação escrava, abrange o conjunto das virtudes nobres, principalmente aquelas ligadas à luta, força e atividade. Dessa forma, tudo que estiver ligado ao domínio, espoliação e opressão não será apenas “ruim”, que é como a moral nobre interpreta tudo aquilo que difere de si e que deve ser cada vez mais afastado como demonstração de superioridade, será sinônimo de “malvado”, “perigoso”, “inescrupuloso”. A atividade que se comporta como uma força geradora das virtudes nobres é ausente no escravo. Este possui apenas, segundo Nietzsche, a força reativa, a qual necessita da exterioridade para constituir sua interpretação. Esse tipo reativo age pura e exclusivamente por reação. Não podendo dar vazão à tendência expansiva – que é o que caracteriza a força – acaba por reprimir e interiorizar essas pulsões – atividade, dominação, opressão – voltando-as para si. Essa é a engrenagem da interpretação vil que encontra na figura dos homens do ressentimento seus grandes mestres, operadores e, principalmente, disseminadores. Se tínhamos, no primeiro momento, uma interpretação moral superior, como tal valoração pode ser diluída no mar de interpretações vulgares e a tal ponto que, atualmente, lancemos dúvidas sobre sua existência por justamente não enxergarmos quaisquer resquícios dessa nobreza?

Segundo Nietzsche, a inversão de valores se deu com a casta sacerdotal que, mesmo sendo aristocrática, sucumbiu ao sentido contrário ao da aristocracia guerreira.

O modo de valoração nobre sacerdotal tem outros pressupostos: para ele a guerra é um mal negócio! Os sacerdotes são, como sa-

bemos, os mais terríveis inimigos – por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. Na história universal, os grandes odiadores sempre foram os sacerdotes, também os mais ricos de espírito – comparado ao espírito da vingança sacerdotal, todo espírito restante empalidece.⁶

Para disseminar e impor a sua interpretação – ressentida – aos homens, os “pastores” (sacerdotes) transvaloraram os valores instaurados pelos nobres. Nesse sentido, o “bom”, que era o forte, corajoso e ativo, tornou-se o fraco, medroso e covarde. O espírito de vingança intrínseco a esses homens, além de inverter os valores dos homens superiores, ainda alça o “bom” de sua valoração a termos de verticalidade. Isso significa dizer que ser bom é ser espiritualmente elevado, e essa ascensão – também religiosa – toma tais proporções que tem por finalidade não só o abafamento das virtudes ativas, mas antes e, principalmente, a sua aniquilação. O postulado é que o nobre deve sentir vergonha por ser o que é: ativo. Essa foi a inversão moral promulgada pela casta sacerdotal que diz que quanto mais pobre, miserável, medroso e ressentido se é, tanto ‘melhor’ alguém se torna.

Essa história da vingança sacerdotal perdurou via cristianismo e, após dois mil anos, continua imperando. É uma moral que se estabeleceu, uma moral religiosa. O ressentimento tornou-se criador e gerou seu oposto. É uma moral de reação, de reação contra a própria vida como vigorosa. É uma moral pálida, mas que se fortalece como vampira da vida e colocando a vida em função de tudo o que é negativo, um negativo que essa moral criou. Mas essa reação nem reação é, porque não age. Pressupõe uma “reação” imaginária e atinge o adversário pelo espiritual, “puramente” espiritual. É um golpe do sacerdote sobre o guerreiro.⁷

A reação típica da interpretação escrava deriva de uma natureza que possui como marca distintiva a impotência, que pode ser classificada como a ausência em si do princípio de sua ação. Pode dizer-se que aquele que não consegue uma autorreparação de sua impotência e vinga-se daquele que lhe causou algum dano, é – a partir dessa reação – um impotente. Nesse sentido, todo ressentido é necessariamente um sofredor. E o princípio de seu sofrimento não reside tão somente em sua dor – que fora incutida por outrem –, mas, sobretudo, na impotência para a ação. Esse desenvolvimento, pode-se até dizer mecânico, precisa de uma fagulha que lhe principie o movimento. O estopim para todo

6. *Idem*, p. 20.

7. SOUSA, 2014, p. 36.

esse processo reside preponderantemente no âmbito externo – no Outro – que precisa incansavelmente e meritoriamente ser galardoado com uma sentença unânime e resguardada de quaisquer dubitabilidades. O veredicto, embebido em muito ódio, vingança e ressentimento é finalmente promulgado ao som de incontáveis palmas, sobre o cume de uma imaginária escada espiritual esculpida por virtudes, supostamente sagradas, vemos da boca da casta sacerdotal sair a centelha que se transfigura em uma palavra: culpado. Sua pena é uma condenação eterna por causar dor, sofrimento, aniquilação, espoliação e opressão por justamente ser uma força ativa, que age, luta e encontra na atividade a única condição para viver.

Referências Bibliográficas

- [1] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica Trad, notas e posfácio* de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- [2] SOUSA, Mauro Araujo de. *Nietzsche e a genealogia da moral: uma obra-chave no pensamento Nietzscheano*. 1. Ed., São Paulo: Zagodini, 2014.